

A constituição da significação na língua pela criança: uma abordagem enunciativa em Aquisição da Linguagem

Letrônica

Fábio Aresi¹**Introdução**

Sabemos que o termo *Aquisição da Linguagem* constitui, hoje, um campo bastante consolidado entre as ciências da linguagem, havendo sido estabelecido gradualmente e de forma interdisciplinar através de reflexões teóricas advindas das áreas da Linguística, da Psicolinguística e da Psicologia do Desenvolvimento. Com efeito, o que se convencionou chamar de *Aquisição da Linguagem* recobre, na verdade, diferentes perspectivas acerca da linguagem. Contemplando, direta ou indiretamente, o fenômeno de sua aquisição pela criança, cada uma dessas perspectivas opera suas próprias escolhas e exclusões na constituição de seu objeto. O campo *Aquisição da Linguagem* desenvolve-se, assim, a partir de uma heterogeneidade teórica, reunindo questionamentos cuja gênese abrange desde as reflexões de Ferdinand de Saussure, passando pelo estruturalismo europeu e norte-americano, pelo gerativismo chomskiano, pelo funcionalismo, pelas teorias cognitivas de Piaget e psico-social de Vygotsky, até os estudos recentes, no Brasil, de Cláudia de Lemos e outros autores, o que resulta em praticamente um século de investigação.

No entanto, apesar da diversidade teórica do campo, propor hoje – em especial no cenário brasileiro – um novo viés para a investigação do processo de aquisição da linguagem pela criança constitui um desafio à parte, imposto principalmente pela delimitação teórica que permitiu a consolidação do campo no país, mesmo sendo ele originário de uma heterogeneidade. Foi, portanto, como um desafio que Silva (2009a) se propôs a olhar para o surgimento da linguagem na criança através de uma outra abordagem. Assim, ao trazer de forma inovadora uma abordagem enunciativa para a fala da criança, a autora abre terreno no campo *Aquisição da Linguagem* para a instauração de uma nova possibilidade: a possibilidade de estudo do fenômeno de aquisição da linguagem pelo viés da Enunciação.

É no seguimento desse discurso fundante que desenvolvo o presente estudo. Procuo, pois, a partir de uma leitura da *teoria da enunciação* de Émile Benveniste e do trabalho de Silva (2009a) sobre a elaboração de princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem, realizar uma investigação de ordem enunciativa sobre o processo de instauração

¹ Aluno de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

da criança na linguagem. Mais especificamente: meu objetivo neste trabalho é olhar para dados de fala da criança em processo de aquisição da linguagem, buscando interpretá-los a partir da distinção elaborada por Benveniste no plano da significação entre *semiótico* e *semântico*. Busco, assim, através da análise de recortes de diálogo entre a criança e seu interlocutor adulto, tecer hipóteses que permitam explicar como se dá a constituição da significação na fala da criança a partir do quadro *semiótico/semântico* da língua, tendo como categorias de análise, além da distinção teórica acima citada, a noção benvenistiana de *intersubjetividade* e o dispositivo trinitário enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE*, elaborado por Silva (2009a) a partir da leitura da teoria de Benveniste.

Tendo em vista o objetivo proposto, realizo, em um primeiro momento, uma breve revisão da reflexão benvenistiana acerca da enunciação, com especial ênfase para os estudos sobre *forma* e *sentido* na linguagem, nos quais encontramos a dicotomia *semiótico/semântico* no terreno da significação. Da mesma forma, apresento o aparelho teórico (*eu-tu/ele*)-*ELE*, proposto por Silva (2009a), dispositivo primordial constitutivo do ato de aquisição da linguagem. Em um segundo momento, analiso dois recortes de diálogo entre criança e adulto, mobilizando as noções teóricas já citadas de forma a explicar as seguintes questões: Uma vez que tenha ocupado o dispositivo trinitário da enunciação, instaurando-se na cena enunciativa como sujeito falante, como a criança constrói a significação de sua língua? Que movimento descreve a configuração dessa significação? A criança parte do semiótico para o semântico ou, ao contrário, do semântico para o semiótico? Haveria, em primeiro lugar, a possibilidade de uma anterioridade no processo de aquisição entre esses planos da língua? Sem dúvida, essas são questões que colocam em discussão o problema da relação entre *forma* e *sentido* na língua, não apenas no que diz respeito à aquisição da linguagem, mas também a respeito do funcionamento da linguagem em geral.

1 Enunciação em Aquisição da Linguagem: uma breve retomada

Émile Benveniste, como se sabe, é conhecido como o linguista responsável pela inclusão do “homem na língua”, procurando, desde seus primeiros estudos em linguística geral, descrever em que medida é possível se falar de “subjetividade” na linguagem. Seus textos das décadas de 40 e 50² atestam essa busca pelos índices formais da língua que

²Figuram como exemplos textos como *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956) e *Da subjetividade na linguagem* (1958). Cabe ainda, neste adendo, esclarecer uma questão que, se não tratada nesse instante, pode gerar certa confusão: Os textos de Émile Benveniste convocados neste

permitem ao locutor se marcar no seu dizer e, assim, individualizar-se e constituir-se como sujeito. Vê-se desde já que a concepção de linguagem de Benveniste está indissociavelmente ligada à condição do homem, sendo ambos – linguagem e homem – mutuamente constitutivos um do outro. Diz o autor em *Da subjetividade na linguagem*, texto de 1958³:

Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (Benveniste, 1966/2005, p. 285).

Portanto, é na inter-relação constitutiva entre homem e linguagem que Benveniste vê a possibilidade de abordar o fenômeno da enunciação, esta passagem da língua ao discurso por um locutor e que é, ao mesmo tempo, a possibilidade da *subjetividade* e da atualização da própria língua. É nesse sentido que Dessons (2006), leitor e comentador de Benveniste, afirma que a teoria esboçada pelo linguista constitui uma espécie de “antropologia histórica da linguagem”. Diz ele sobre a relação entre linguagem e homem:

La relation entre l'homme et le langage n'est donc pas instrumentale, mais constitutive. C'est par l'exercice du langage que l'être humain se constitue en individu pensant, capable d'éprouver sa propre cohérence et son identité (Dessons, 2006, p. 99).

Do que foi dito, é importante ressaltar que a “subjetividade” de que trata Benveniste é, antes de tudo, uma noção *linguística*. Trata-se, segundo ele, da “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (Benveniste, 1966/2005, p. 286). Qual é o fundamento linguístico dessa subjetividade? Benveniste o coloca em uma única sentença: “É ‘ego’ que *diz ego*” (Benveniste, 1966/2005, idem, grifo do autor). Ora, a subjetividade determina-se pela capacidade do locutor de se apropriar da língua, remetendo-se a si mesmo como *eu* no seu discurso, e constituindo-se como sujeito. Portanto, essa capacidade é facultada pela categoria linguística de *pessoa*. Além disso, o *status* de *pessoa* rege toda uma série de outros índices formais da língua, os quais “têm em comum o traço de se definirem somente com relação à

estudo foram originalmente publicados em diferentes épocas (da década de 1940 à década de 1970) e em diferentes periódicos científicos. No entanto, tais textos foram, mais tarde, agrupados na forma de uma obra de dois volumes, intitulada *Problemas de Linguística Geral*. Tendo em vista essa particularidade, opto por colocar, no corpo do trabalho, as referências ligadas à edição original francesa e à edição brasileira dos *Problemas de Linguística Geral I e II* (1966/2005 e 1974/2006, respectivamente), sendo a edição brasileira a que serviu como base de consulta para o presente estudo. No entanto, informo, em notas de rodapé, referências relativas à publicação original de cada texto citado.

³ Texto publicado originalmente em *Journal de psychologie*, jul.-set. 1958. P.U.F., e integrante do livro *Problemas de Linguística Geral I* (Benveniste, 1966/2005) em seu capítulo 21.

instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia” (Benveniste, 1966/2005, p. 288, grifo do autor). Benveniste refere-se, aqui, às formas linguísticas relativas às categorias de *tempo* e *espaço*, tal como os verbos e os advérbios, as quais se configuram, por definirem-se em relação a *eu*, também como indicadores de subjetividade.

Contudo, para o linguista, a subjetividade na linguagem está na dependência de uma relação de alteridade, uma vez que:

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu* (Benveniste, 1966/2005, idem, grifos do autor).

É numa relação do *eu* com o *tu* que o fenômeno enunciativo se dá, ou seja, graças à propriedade *intersubjetiva* da linguagem inerente a cada instância de discurso⁴. Nas palavras de Benveniste: “É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (Benveniste, 1966/2005, p. 287). A *intersubjetividade* constitui, assim, uma condição fundamental para a possibilidade da linguagem e do sujeito.

Já, em um texto de 1964, quando aborda a noção de *nível de análise* em linguística, Benveniste problematiza a propriedade de significação da língua⁵, ou como afirma Normand (2009, p. 154): “É somente a partir de 1964 que a propriedade de significação é apresentada nos seus textos como um problema fundamental da linguística, exigindo novos conceitos e que se modifique o método de descrição”. Assim, ao analisar os níveis de análise linguística e distinguir as unidades de cada nível através das relações entre *forma* e *sentido*⁶, Benveniste coloca a significação na língua sob uma dupla perspectiva, a qual será nomeada, em seu texto

⁴ Essa mesma ideia é, décadas mais tarde, resgatada e reafirmada por Benveniste no texto *O aparelho formal da enunciação* (publicado originalmente em *Langages*, Paris, Didier-Larousse, 5º ano, n.º 17, março de 1970, e, mais tarde, no livro *Problemas de Linguística Geral II*, constituindo seu capítulo 5). Nele, o linguista afirma: “Imediatamente, desde que ele [o locutor] se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um locutário” (Benveniste, 1974/2006, p. 84, grifo do autor).

⁵ Refiro-me ao texto intitulado *Os níveis da análise linguística*, publicado originalmente em *Proceedings of the 9th International Congress of linguistics*, Cambridge, Mass., 1962, Mouton & Co., 1964. Tal texto integra o livro *Problemas de Linguística Geral I* (Benveniste, 1966/2005) em seu capítulo 10.

⁶ “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções a que elas correspondem, que aqui designamos *constituente* e *integrante*” (Benveniste, 1966/2005, p. 135).

de 1966, intitulado *A forma e o sentido na linguagem*⁷, de dicotomia “*semiótico/semântico*”. Para ele, “há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (Benveniste, 1974/2006, p. 229). A primeira é a língua como *semiótica*, pertencente ao domínio do signo linguístico e circunscrita apenas às relações internas da língua, cuja função primeira é a de significar; a segunda maneira diz respeito à língua como *semântica*, pertencente ao domínio da *frase*⁸, da língua em emprego, cuja função é a de comunicar. Nas palavras de Benveniste:

A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular. [...] e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor (Benveniste, 1974/2006, p. 229-230).

Trata-se, portanto, de uma dupla propriedade de significação, a qual confere à língua a especificidade de ser o único sistema semiológico capaz de interpretar a si mesmo e a todos os outros sistemas. Assim, como conclui Benveniste em *Semiologia da língua*⁹, de 1969, a língua seria o *interpretante* da sociedade (cf. Benveniste, 1974/2006).

Do que foi dito até aqui, podemos ver uma mudança em relação à amplitude da questão da subjetividade na linguagem: se antes (nos textos em que Benveniste trabalha sobre aspectos indiciais da enunciação, tais como os pronomes pessoais, os verbos etc.) a relação do homem com a língua se dava especificamente através de certas categorias da linguagem (pessoa, tempo, espaço), nos textos que abordam a questão da significação a reflexão acerca da subjetividade ganha um novo patamar, uma vez que a relação que o homem exerce com a língua se estenderia a toda língua, com a consideração do modo semântico da significação.

A distinção realizada por Benveniste entre “semiótico” e “semântico” coloca ainda em evidência outra dualidade da língua no que diz respeito ao sentido. Trato aqui da propriedade da língua de ser, ao mesmo tempo, da ordem do repetível e do irrepetível. Ora, a língua, tomada em sua acepção semiótica, tem como característica o fato de o sentido de suas unidades – os signos – ser da ordem do reiterável, uma vez que este sentido, ainda sob o ponto de vista semiótico, caracteriza-se como a propriedade do signo de ser identificável e

⁷ Texto publicado originalmente em *Le Langage II* (Sociétés de Philosophie de langue française, Actes du XIIIe Congrès, Genève, 1966), Neuchâtel, La Baconnière, 1967, p. 29-40. Em *Problemas de Linguística Geral II* (Benveniste, 1974/2006), tal texto constitui o capítulo 15.

⁸ Tomo aqui o termo *frase* no mesmo sentido dado por Benveniste no texto *Os níveis da análise linguística*, de 1964, ou seja, como “unidade do discurso”, “criação indefinida, variedade sem limite” (Benveniste, 1966/2005, p. 139).

⁹ Texto publicado originalmente em *Semiotica*, La Haye, Mouton & Co., 1969, e integrante do livro *Problemas de Linguística Geral II* em seu capítulo 3.

delimitável no interior do sistema da língua, em relação às suas demais unidades. Assim, nas palavras de Benveniste: “Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa” (Benveniste, 1974/2006, p. 228)¹⁰. Sendo assim, “o signo tem sempre e somente valor genérico e conceptual” (Benveniste, 1974/2006, idem), sendo, portanto, passível de ser repetido.

Por outro lado, o sentido, tomado em sua acepção semântica, caracteriza-se por ser da ordem do irrepitível, uma vez que sempre “implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (Benveniste, 1974/2006, p. 230). Ora, se o sentido da frase, expressão semântica por excelência, é “a *ideia* que ela exprime” (Benveniste, 1974/2006, idem, grifo do autor), ela – a frase – será, então, a cada vez um acontecimento único e não-reiterável, ou como afirma Benveniste: “Ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (Benveniste, 1974/2006, p. 231).

Assim, é da articulação entre semiótico e semântico que nasce a possibilidade de conversão da língua em discurso, cuja historicidade remete sempre e necessariamente a um “eu-tu-aqui-agora”, ou seja, ao seu contexto de produção.

Trazendo a reflexão enunciativa para a questão da aquisição da linguagem, Silva (2009a) realiza uma leitura profunda e atenta da teoria esboçada por Benveniste, descrevendo princípios enunciativos fundamentais para que seja possível a aquisição da linguagem pela criança. Tais princípios podem, segundo a autora, ser condensados em um único dispositivo teórico, nomeado de *dispositivo enunciativo (eu-tu/ele)-ELE*. Assim, ao comportar os sujeitos falantes (*eu-tu*), a própria língua (*ele*) e a cultura (*ELE*), o dispositivo trinitário da autora permite mostrar que ocupar um lugar enunciativo constituído por instâncias intersubjetivas e culturais é condição *sine qua non* para que a criança instaure-se na linguagem e venha a se constituir como sujeito (da linguagem e da cultura). Nas palavras da autora:

O *sujeito da aquisição da linguagem* é, ao mesmo tempo, *cultural*, porque imerso na cultura, da *alocução* ou *dialógico*, porque constitui e é constituído na esfera do diálogo e é *linguístico-enunciativo*, porque é um sujeito produtor de referências e de sentido *pelo/no* discurso (Silva, 2009a, p. 165, grifos da autora).

Dessa forma, é imerso na cultura e simultaneamente numa relação de alteridade com ela e com o interlocutor que a criança constitui a sua língua, ao mesmo tempo em que é nela e por ela constituída como sujeito falante, através da *história de suas enunciações*¹¹. Em que

¹⁰ As citações que se seguem são relativas ao texto *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966.

¹¹ Segundo a autora, cada discurso enunciado pela criança no presente de sua fala, portanto, num determinado *aqui-agora*, parece trazer ao mesmo tempo a história de suas enunciações anteriores, sendo essa articulação

medida podemos captar esse processo de constituição da língua na fala da criança? É o que veremos na parte seguinte deste trabalho.

2 Análise

Na introdução deste trabalho, indaguei-me acerca de como a criança, em conjunto com um interlocutor, constrói a sua língua. Essa construção remete à significação e se dá, evidentemente, no plano do diálogo. Assim, acredito que seja possível, através da análise de recortes de cena enunciativa entre criança e adulto, demonstrar esse fenômeno linguístico no quadro da oposição benvenistiana de *semiótico/semântico* apresentada na parte anterior deste estudo.

Quanto aos dados a serem analisados, eles consistem em dois recortes de diálogo entre criança e adulto. Tais dados integram o enorme corpus coletado por Carmem Luci da Costa Silva entre 2001 e 2004, transcrito em recortes enunciativos em sua Tese de Doutorado (Silva, 2007) e, em parte, no trabalho que serve de base ao presente estudo (Silva, 2009a). Assim, como meu interesse neste estudo está de certa maneira em conformidade com o da autora, opto por trazer os recortes enunciativos no mesmo padrão de transcrição por ela elaborado¹². Trata-se de duas cenas enunciativas de uma mesma menina, designada por FRA, tendo ela dois anos no primeiro recorte e dois anos e cinco meses no segundo.

Recorte 1

Participantes: AVÓ; CLA (babá) e CAR (tia, filmando)

Situação: FRA está na casa da avó. No início, está na garagem com o gato, deitada na porta sobre um tapete. Após, senta no piso da garagem, rodeada de brinquedos.

Com: FRA está na garagem da casa da AVÓ, interagindo com CAR, CLA e a AVÓ.

FRA: vamu bincá?

CAR: vamu @ de que nós vamu brincá?

FRA: brincA

CAR: fazê o quê?

constitutiva do processo de instauração da criança na linguagem. A essa articulação a autora dá o nome de *sincronia* e *diacronia*, respectivamente. Trata-se, evidentemente, de uma interpretação enunciativa da célebre distinção elaborada por Ferdinand de Saussure.

¹² As convenções de transcrição dos recortes a serem analisados são, como já afirmei, de autoria de Silva (2009a), e encontram-se explicitadas ao final deste trabalho, em **Anexo**.

FRA: bincá XXX ó ó ó [= FRA alcança outro pote à tia]

CAR: o que tu qué? Viu o miau ta durmindo ali

FRA: quê?

CAR: tu viu que o miau ta durmindo? O miau ta durmindo

Com: FRA olha para o gato que continua a dormir sobre o tapete. Depois, olha para a boneca que deslizou para o chão, puxando-a para sentar.

FRA: caiu

CAR: caiu, o nenê ta **preguiçoso** né?

FRA: **ãh?**

CAR: **o nenê só qué dormi**

FRA: é

CAR: essi nenê!

Com: FRA pega a boneca no colo.

FRA: **çoso, ai guiçoso**

CAR: **é preguiçoso?** [= risos]

FRA: **guiçoso**

CAR: porque ele é preguiçoso?

FRA: **XXXai qué col**

CAR: hum? Qué cólu? [= risos]

FRA: é

Volto minha atenção, neste recorte, para o trecho final da cena enunciativa, a partir do momento em que a menina percebe a boneca caída no chão. Notamos, nesse momento, que a interlocutora de FRA, ao falar sobre a boneca (*o nenê tá preguiçoso né?*), enuncia um novo termo, “preguiçoso”, desconhecido pela criança, a qual prontamente expressa seu estranhamento em relação a essa palavra (*ãh?*) e leva CAR a formular, no turno seguinte, uma espécie de definição explicativa do termo: “*o nenê só qué dormi*”.

É possível ver, assim, que a constituição de referência se dá, para a criança, no próprio discurso, estabelecida em conjunto com o interlocutor em uma situação de troca de falas e não de forma mostrada, atrelada ao referente. Em outras palavras, é no fio do discurso, isto é, numa instância *intersubjetiva* de uso da língua, que é possível para a criança estabelecer relações entre *forma* e *sentido*. É no estabelecimento mútuo dessa referência característica da língua em uso que a criança pode dar sentido às unidades da frase e, dessa forma, constituir o

repertório de signos de sua língua e pela estrutura da língua ser constituída em sua própria enunciação.

Nos termos benvenistianos propostos para este estudo, isso significa dizer que, no trecho até aqui analisado, a criança ouve de seu interlocutor uma unidade de discurso, uma *frase*, dotada de sentido e de referência, sendo, portanto, da ordem *semântica* da língua. Dessa unidade complexa, FRA não compreende uma pequena subunidade, a palavra “preguiçoso”, a qual, até então, não faz parte do seu sistema *semiótico* de signos linguísticos e, por isso mesmo, impossibilita-a de compreender o sentido global da mensagem dita por CAR. No entanto, FRA já é capaz de expressar sua “não-compreensão” por meio de uma atualização semântica do signo interrogativo “ãh?”, e é por conta dessa demanda expressa que CAR dá uma definição do que venha a ser o estranho signo “preguiçoso”, através de uma outra frase (*o nenê só que dormi*). É somente assim, através de um “exemplo”, de um emprego particular, isto é, de uma instância *semântica* oriunda de sua interlocutora adulta, que é possível para FRA dar sentido ao novo termo e integrá-lo às demais unidades significantes de sua língua, ou seja, ao seu sistema *semiótico*.

Em suma, é a partir do uso da língua, na relação do “eu” com o “tu”, que a língua se constitui, pois ela é a cada instância de uso atualizada e reconfigurada enquanto sistema. Isso fica bastante claro nos outros turnos do diálogo, quando FRA, tendo já significado o termo “preguiçoso”, emprega-o à sua maneira, enunciando divertidamente com relação ao “nenê”: “*çoso, ai guiçoso*”. CAR parece se surpreender com o emprego repentino dessa palavra, perguntando de volta para certificar-se da referência. FRA repete “*guiçoso*” no turno seguinte, estabelecendo co-referência. CAR pergunta, então, por que o “nenê” é preguiçoso, talvez para ter certeza de que FRA entendera o sentido da palavra, e, em resposta, a menina astuciosamente enuncia: “*qué col*”, arrancando risos de surpresa de sua interlocutora.

Recorte 2

Participantes: CAR (tia, filmando) e AVÓ

Situação: FRA está em casa de sua AVÓ, conversando com CAR e com a AVÓ.

Com: CAR sai, vai até o armazém, compra pirulito e volta.

CAR: adivinha o que qui a **tia troxi**? O que qui a tia troxi pra Queca lá do armazém?

FRA: o quê?

CAR: adivinha o que qui a **tia troxi**?

FRA: **ãh?**

CAR: é

FRA: **pu que, quem é toxi?**

CAR: ãh?

FRA: **quem é toxi?**

CAR: eu troxi

FRA: dexa eu vê tão

CAR: [= risos] **adivinha**

FRA: dexa eu vê **vinha**

CAR: [= risos]

FRA: XXX

CAR: ãh?

FRA : dexa eu vê **vinha** tia

AVÓ: adivinha é o negócio qui ela pensa qui é o nomi [= comenta com CAR]

CAR: ah ta @ o que qui a **tia troxi?**

FRA: **avinha**

CAR: [= risos] @ não não é adivinha @ o que qui a **tia troxi?** Pensa um poquinho

FRA: **quem é a tia troxi?**

CAR: não sei, o que qui tu acha?

FRA: não sei

CAR: não sabi?

FRA: [= responde negativamente com a cabeça]

CAR: hum

Com: CAR entrega um pirulito para FRA, que o chupa.

Neste segundo recorte de diálogo, assim como no primeiro, vemos FRA tentando depreender o sentido de certas unidades dos enunciados de CAR, ou seja, buscando, durante toda a cena enunciativa, segmentar da unidade *semântica* as unidades do nível *semiótico*, para que a frase faça sentido para ela enquanto *frase*, unidade da ordem do *semântico*, dotada de sentido e referência. No entanto, ao contrário do primeiro recorte, percebemos que FRA e CAR não conseguem chegar a uma compreensão mútua, o que torna a cena um tanto cômica. Isso se dá pelo não estabelecimento de co-referência entre os interlocutores, como podemos ver em relação aos segmentos “*tia troxi*” e “*adivinha*”, enunciados primeiramente por CAR.

Com efeito, nas duas primeiras perguntas de CAR dirigidas a FRA (*adivinha o que qui a tia troxi?*), a criança não consegue co-referir suas unidades constitutivas e, portanto, não compreende o sentido da frase, como percebemos pelas duas indagações, *o quê?* e *ãh?*, em seus turnos de fala. Porém, vemos mais além que FRA, a partir de seu trabalho com a língua, inicia uma tentativa de associar forma e sentido para o segmento de fala enunciado por CAR e estabelecer-lhe referência em conjunto com sua interlocutora. Assim, à forma “*tia troxi*”, FRA associa não o sentido de “*tia trouxe*” intencionado por CAR, mas algo próximo à “*Tia Carmem*”, “*Tia Maria*”, ou seja, a alguma pessoa cujo estranho nome seria “*Tia Troxi*” e à qual FRA é incapaz de estabelecer qualquer relação de referência nessa instância de discurso. Compreendemos então a série de perguntas feitas pela criança na tentativa de descobrir não *do que*, mas *de quem* CAR fala. Refiro-me aqui às perguntas “*pu que, quem é toxi?*”, “*quem é toxi?*”, e a mais evidente: “*quem é a tia troxi?*”, enunciadas por FRA ao longo da conversação.

Podemos ver, em última instância, que, ao referenciar “*tia troxi*” a um *ele*, ou seja, a algo fora da alocação, FRA não atribui referência de “*tia*” ao *tu* da situação de discurso. Teria sido diferente se, ao invés de enunciar “*tia troxi*”, CAR enunciasse “*eu troxi*”? Quanto a isso, resta-nos apenas conjecturar. O fato é que “*tia*” configura-se aí, no discurso de FRA, no conjunto “*tia troxi*”, como uma *não-pessoa*, diferentemente do sentido proposto por CAR, para quem “*tia*” se refere a *eu*.

Ainda assim, mesmo que não consiga co-referir com sua interlocutora, é inegável que o que FRA realiza neste trecho de diálogo é algo prodigioso: Como no recorte anterior, ela parte da escuta de uma unidade de ordem *semântica* da língua, enunciada por sua interlocutora, e, através de um complexa operação linguística, busca encontrar algum correlato para o segmento “*tia troxi*” em seu repertório de signos disponíveis, achando como prováveis equivalentes sintagmas como “*Tia Carmem*”. Reconhece, assim, o sintagma como sendo da ordem da nomeação e, tendo associado forma e sentido nessa configuração, procura, no plano do diálogo, dar referência a esse signo. O mesmo pode ser dito a respeito da palavra “*adivinha*”, a qual FRA associa não o sentido de “*adivinhar*” proposto por CAR, mas, na peculiar relação que estabelece entre forma e sentido nesse contexto de fala, associa à forma “*adivinha*” o sentido de “*objeto*”, referindo-o justamente à misteriosa “*coisa*” que CAR trazia para ela. Isso explica o pedido de FRA “*dexa eu vê vinha tia*” e sua resposta direta à pergunta de CAR: “*o que qui a tia troxi?*”/ “*avinha*”.

Ainda mais curioso é o fato de que a única fala da AVÓ nessa cena enunciativa consiste em uma explicação da fala de FRA (*adivinha é o negócio que ela pensa qui é o nomi*) dirigida à CAR, mostrando, quase à maneira de um linguista, de que modo FRA havia delimitado as unidades da frase de sua interlocutora, dando a elas o seu próprio recorte de forma e sentido. Tal explicação evidencia o caráter complexo da operação de constituição da significação de FRA nesse trecho do diálogo, no qual se acham entrelaçados o domínio *semiótico* e o *semântico* da língua.

Considerações finais

Procurei, no decorrer deste trabalho, abordar o fenômeno de aquisição da linguagem através de um viés enunciativo, em especial no quadro da constituição da significação pela criança. Para tanto, propus uma leitura da teoria esboçada por Émile Benveniste, dando ênfase, em particular, para a elaboração da oposição *semiótico/semântico* como possibilidade de vislumbrar o processo de constituição da língua, e levando em conta também o dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE* de Silva (2009a) como condição primeira de instauração da criança na linguagem. Assim, através da análise de recortes de diálogo entre criança e adulto, pude concluir, em conformidade com a autora acima citada, que é a partir da ocupação de um lugar de fala concedido pelo outro que a criança pode “estar” na linguagem e nela constituir sua língua e ser, ao mesmo tempo, por esta constituída. Nas palavras da autora:

O fato de ser dado à criança um lugar na estrutura da enunciação é, segundo meu ponto de vista, condição dela ir habitando a língua, que está depositada como um ‘tesouro’ no outro da sua alocação. A criança precisa ocupar um lugar na estrutura da enunciação para que venha a enunciar. Esse lugar é, primeiramente, atribuído pelo outro (Silva, 2009b, p. 40).

Com efeito, a partir do ponto de vista enunciativo, é dessa maneira que se dá o ato de aquisição, a criança sendo primeiramente convocada pelo outro a ocupar um lugar na estrutura do diálogo, para então passar ela mesma a convocar o outro.

Assim, tendo ocupado seu lugar na enunciação, a criança, através da relação entre *forma* e *sentido* estabelecida pelo outro no domínio *semântico* da língua, gradualmente estrutura a sua língua, estabelecendo relações entre *forma* e *sentido* ao nível do *semiótico*, ao mesmo tempo em que vai sendo estruturada como sujeito da linguagem ao atualizar referência no discurso, isto é, ao relacionar *forma* e *sentido* no uso da língua. Percebemos, portanto, que *semiótico* e *semântico* constituem-se mutuamente e simultaneamente, sendo um condição necessária para a existência do outro. Os dois domínios da língua andam, assim, lado a lado a

todo o momento, desde o processo de aquisição da linguagem e durante toda a vida do homem na linguagem, já que são a base para todo e qualquer ato de enunciação. Trata-se, enfim, de um movimento constante de vai-e-vem entre *semântico* e *semiótico*, ou como afirma Silva (2009b, p. 44): “O ato de aquisição da linguagem possibilita à criança movimentar-se da enunciação para a língua e da língua para a enunciação”. É nesse processo contínuo, sempre instanciado em uma *situação intersubjetiva* de emprego da língua, que a criança, como um pequeno linguista, avidamente desvenda os mistérios da significação. Benveniste é categórico a esse respeito, e é com as palavras dele que encerro este trabalho: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (Benveniste, 1966/2005, p. 140)¹³.

Referências

- BENVENISTE, Émile. (1966). *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. (1974). *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.
- NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas: Pontes, 2009a.
- _____. A criança na estrutura enunciativa. In: *Organon*, v.23, n.46. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009b.

Anexo

1. Convenções de transcrição

@: pausa curta

XXX: palavra ou frase não compreendida pelo transcritor

[=]: eventos não verbais e breve explicações

Com: comentário do transcritor

¹³ Citação relativa ao texto *Os níveis da análise linguística*, de 1964.

Recebido em 17/05/2011

Aceito em 15/09/2011